

POR QUE VIAJO SOZINHA? A SOLITUDE FEMININA E A JORNADA DO EU.

Anna LUCCHESI, (UNESP)¹
Pelópidas Cypriano PEL, (UNESP)²

Resumo: Esta pesquisa artístico-científica tem como foco a temática da *solitude feminina* na sociedade contemporânea, em especial, como essa experiência reverbera no processo criativo e na expressão do *eu*. O Trabalho Equivalente à Dissertação de Mestrado, tendo como ponto de partida a minha vivência e o relato audiovisual de mulheres que viajam sozinhas, expressa, em peça de artemídia, o pensamento/sentimento resultante da pesquisa teórica e de experimentos de criação artística.

Palavras-chave: Artemídia; Processos e Procedimentos Artístico-Científicos; Solitude feminina.

Abstract/Resumen: This artistic and scientific research is focused on the subject of *feminine solitude* in contemporary society, mainly, how this experience reverberates throughout the creative process and *self-expression*. The equivalent work to the Master's Thesis, which is based on my experience and audiovisual narratives from female solo travelers, expresses through a media art piece the thought/feeling resulted from theoretical research and experiments of artistic creation.

Keywords/Palabras clave: Media Art; Artistic-Scientific Processes and Procedures; Feminine Solitude.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz algumas reflexões decorrentes da minha atual investigação de mestrado iniciada em março de 2018 no Instituto de Artes da Unesp, dentro da linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, sob orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL.

O estudo tem como objetivo criar uma peça de artemídia a partir de experimentos que se originam da experiência vivida por mulheres em viagens marcadas pela *solitude*. Tendo como base a minha jornada pessoal e o diálogo com outras viajantes, proponho uma releitura dessa vivência através de um tratamento criativo do

¹ Mestranda em artes pela Unesp, Bacharel em Rádio e Televisão pela Faculdade Cásper Líbero, Especialista em Direção Cinematográfica pela Escola Superior de Cinema e Audiovisuais de Catalunya, diretora de cinema e televisão. (annalucchese@gmail.com)

² Professor Doutor (Livre-Docente) no Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNESP. Bacharel em Cinema, Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes USP. Líder do Grupo de Pesquisa ARTEMÍDIA E VIDEOCLÍPE. (pelopidas.cypriano@unesp.br)

estudo, com desdobramentos interdisciplinares que transitam pela sociologia, filosofia, comunicação e arte.

A minha expectativa é criar uma obra que provoque uma reflexão sobre como o prazer e a liberdade encontrados no ato de viajar sozinha podem manifestar-se através do *eu* e resultar em uma importante estratégia de enfrentamento social e transformação pessoal. Utilizo a palavra *expectativa* no lugar de *hipótese* por se tratar de uma investigação no campo das artes, que possui peculiaridades específicas, como analisa Sílvio Zamboni em seu livro *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*.

A escolha do tema da pesquisa surgiu após a observação de manifestações de reação ao assassinato de duas turistas argentinas, Marina Menegazzo, de 22 anos, e María José Coni, de 21 anos, no Equador, em fevereiro de 2016. A morte das jovens gerou uma comoção global que se organizou com o auxílio da hashtag #ViajoSola.

Em primeiro de março do mesmo ano, a estudante paraguaia de comunicação, Guadalupe Acosta, escreveu, em seu perfil do Facebook, um relato em primeira pessoa, no qual se colocava no papel das vítimas, descrevendo como se fosse elas, o que havia ocorrido.

O texto viralizou pela internet e foi citado em diversos artigos jornalísticos na época. Além de demonstrar sua indignação pelo assassinato das turistas, Acosta denunciava a cobertura tendenciosa dos fatos pelos veículos de comunicação, que sugestionava certa culpa por parte das vítimas, por se colocarem em uma situação de risco ao viajarem sem uma companhia masculina.

Ao escolher a primeira pessoa na escrita, a estudante se apropria do fragmento de uma experiência pessoal, vivida por outro indivíduo, e cria uma releitura, que provoca uma sensação de universalidade da experiência e instiga uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade em que vivemos.

Ayer me mataron. Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo. Me metieron una cuchillada y me dejaron que muriera desangrada. Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron. Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después. Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó donde estaba el hijo de puta que acabo con mis sueños, mis esperanzas, mi vida. No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse. ¿Qué ropa tenías? ¿Por qué andabas sola? ¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía? Te metiste en un barrio peligroso, ¿Qué esperabas? (ACOSTA, 2016)

O texto ilustra como o uso expressivo do *eu* tem se ampliado de diferentes formas na contemporaneidade, como parte de um novo paradigma de interação social, tornando-se, entre outras especificidades, uma ferramenta importante para a construção de um protagonismo mais diversificado e inclusivo nos meios de comunicação, fruto de um processo que tem como origem o modelo de comportamento difundido nas redes sociais virtuais.

Esse novo clima de época que hoje nos envolve parece impulsionar um conjunto de transformações que atingem, inclusive, a própria definição de *você* e *eu*. A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e desenvolver novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais. Em seus diversos canais nascem modos inovadores de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricos e megalomaniacos, mas outras vezes - ou ao mesmo tempo - afundam-se na pequenez mais rasa que se pode imaginar. Como quer que seja, não há dúvidas que esses reluzentes espaços devem ser observados com atenção, nem que seja porque se apresentam como os cenários mais adequados para montar um espetáculo de novo cunho, embora cada vez mais estridente: o show do *eu*. (SIBILIA, 2016, p. 52-53)

Pesquisadores que investigam o *eu*, como Paula Sibilia, levantam um questionamento crítico com relação ao crescimento do narcisismo, do individualismo, da solidão, do vazio existencial e da necessidade constante de exposição para a construção da identidade. Mas alguns teóricos, como Manuel Castells, também trazem o reconhecimento de uma união entre grupos que se identificam e que enfrentam certos medos ao conectar-se com outras *solitudes* que questionam padrões de comportamento e limitações impostas pela sociedade, através dessa nova expressão do *eu*.

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem. (CASTELLS, 2013, p.11)

Assim, a comunicação baseada na experiência pessoal e em um *eu* que manifesta desejos e necessidades de transformação, ganha um campo fértil de expressão através da internet.

A SOLITUDE FEMININA E A TRANSFORMAÇÃO DO EU

Tendo como ponto de partida a observação e análise dos desdobramentos do movimento coordenado através da hashtag #ViajoSola e o estudo de teóricos do campo da comunicação, da filosofia e da sociologia, elaborei um primeiro experimento em abril de 2018 com o objetivo de criar uma obra artística que serviria de protótipo para a peça artemídia que constituirá meu Trabalho Equivalente à Dissertação de Mestrado.

A ideia era provocar uma sensação de questionamento e transformação sobre o tema da *solitude feminina*. A própria escolha da palavra *solitude*, ao invés de solidão, cria uma ressignificação da experiência de estar só, agregando uma conotação positiva. A definição do termo *solitude* empregada neste estudo tem como base a dissertação de doutorado em filosofia de Karin Leah Arndt, intitulada *A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude*.

A pesquisadora ressalta que a palavra *é*, muitas vezes, articulada em contraste com o caráter negativo de isolamento ou alienação. A *solitude* é definida como um estado que se busca e não uma situação em que se é colocado pelo distanciamento dos outros. Ou seja, há um valor de protagonismo agregado à ação, em oposição a um processo decorrente de uma atitude passiva. Essa decisão de estar só também provoca, segundo a autora, uma consciência ampliada do *eu*.

Ao abordar as especificidades da *solitude feminina*, Karin Leah Arndt destaca o papel do medo de um dano físico que preenche o imaginário das mulheres e torna-se um obstáculo à experiência de estar só.

It seems important to add that a woman not only needs to be watchful of potential physical harm but also sexual objectification while experiencing outdoor solitude. A woman walking the streets in a patriarchal society is too often understood to be a streetwalker, a visual spectacle, a commodity available at a price to men, in contrast to the male equivalent of the nomad or “le flaneur” sauntering anonymously through the city streets, communing with the world on his own terms. (ARNDT, 2013, p.20)

Tendo a *solitude feminina* em mente, elaborei um experimento com a proposta de transpor esse e outros obstáculos criados no imaginário feminino pelo convívio social. Como procedimento metodológico de trabalho, busquei comunidades e grupos de mulheres que viajam sozinhas em redes sociais virtuais e pedi que elas colaborassem com o projeto, enviando diferentes tipos de materiais com o registro de suas viagens. Delimitei o que poderia ser enviado em três tipos de colaborações distintas, sendo elas:

- Um cartão postal do local visitado com a descrição no verso do momento em que a pessoa decidiu fazer a viagem sozinha.

- Um vídeo de aproximadamente 30 segundos feito com câmera ou celular de um local que tenha provocado uma sensação de transformação na viajante.

- Um áudio enviado por whatsapp descrevendo o que viveu e sentiu durante a experiência de viajar sozinha.

Fiz um vídeo, em que me coloquei na primeira pessoa, pedindo a contribuição dessas mulheres e explicando que usaria esses materiais em uma videoinstalação, que representaria a minha releitura pessoal das experiências vividas por elas.

Outro ponto importante desse experimento era observar como os diferentes *eus* femininos se expressavam através de meios variados, desde um material mais tradicional e já em desuso, no caso do cartão postal, até uma ferramenta tecnológica atual, como o whatsapp.

Há também uma proposta de diálogo entre diferentes *solitudes*. A ideia é criar um dispositivo que provoque um contraponto a algumas formas de expressão interiorizadas, como o diário, a selfie e o blog, que simulam uma conversa de uma pessoa com ela mesma, um processo de contato consigo. Para transpor essa ideia de interiorização, proponho a simulação de um diálogo entre duas pessoas, substituindo o diário pelo cartão postal, a selfie pelo vídeo que registra o olhar para o mundo, diante de uma experiência transformadora e, finalmente, a mensagem de áudio do whatsapp que é direcionada a um receptor específico.

Com a troca de experiências diversas que se originam a partir desse pedido, inicio um processo de releitura do imaginário criado ao redor do tema da *solitude feminina* e utilizo o experimento como um desdobramento investigativo do estudo teórico.

O POSTAL DO CORPO E O HYPERCUBE MUSEUM.

O material enviado pelas mulheres que viajam sozinhas foi destinado a uma videoinstalação concebida para a II Mostra de Práticas Híbridas, organizada pelo Prof. Dr. Agnus Valente, no Instituto de Artes da Unesp, no período de 8 à 11 de outubro de 2018, com projetos desenvolvidos para a disciplina Meios de Produção e Práticas Híbridas na Arte Contemporânea. A proposta da Mostra era que cada um dos artistas-

pesquisadores participantes criasse uma obra artística relacionada à sua linha de pesquisa.

A primeira proposta de releitura do material enviado que produzi foi o Postal do Corpo. Essa peça de artemídia foi projetada, em princípio, no formato de um videopoema no qual escrevo em primeira pessoa, em um cartão postal, o relato de uma viagem feita pelo meu corpo por mim. O cartão é ilustrado por uma imagem de São Paulo, cidade onde habito.

Idealizado inicialmente para a II Mostra de Práticas Híbridas, o Postal do Corpo foi incorporado também a uma proposta de criação coletiva desenvolvida pelo grupo de pesquisa Artemídia e Videoclipe, coordenado pelo Prof. Dr. Pelópidas Cypriano PEL, intitulada Hypercube Museum.

Projetado e desenvolvido pelo aluno de graduação do Instituto de Artes da Unesp, Guilherme Hammel, que integra o grupo, o Hypercube Museum simula o ambiente de um museu através de um espaço virtual em que é possível acessar obras criadas por artistas-pesquisadores cujos trabalhos são orientados pelo Prof. Dr. Pelópidas.

Cada uma das obras é o resultado de experimentos de investigação de processos e procedimentos artísticos, desenvolvidos a partir de alguns pontos de convergência, entre eles, o hibridismo que nasce do conceito de artemídia, as descobertas ao acaso ou serendipidade advindas de experimentos, o pensamento/sentimento expresso através do relato em primeira pessoa e o diálogo com a experiência social contemporânea. Assim, essas características em comum aproximam o pensamento artístico-científico dos suportes criados com as tecnologias atuais e com as formas de expressão e fruição de obras híbridas que se transformam à medida que transitam pelos universos em expansão das mídias contemporâneas.

Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio. (MACHADO, 2010, p.10)

A experiência proporcionada pelo Hypercube Museum traz como característica a possibilidade de uma ação interativa, na qual o espectador escolhe as obras que deseja ver e o tempo que passa com cada uma delas. Além disso, ao ter o contato com um conjunto de obras dentro de uma peça única representada pelo museu virtual, há um

novo sentido atribuído ao todo, que transforma o valor representativo de cada uma das obras inseridas dentro do Hypercube Museum.

Ao adaptar as obras ao novo suporte, Guilherme Hammel produz algumas modificações para que haja uma adaptação e uma unidade estética ao conjunto. O Postal do Corpo ganha uma forma tridimensional que pode ser observada com novas possibilidades de pontos de vista. O espectador agrega mobilidade à experiência cujo tema está relacionado ao movimento, a um trajeto de descobertas empreendido pelo *eu* que escreve o relato no cartão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convergência, não só de mídias, como de áreas do conhecimento e de formas de expressão e criação, trazem um espaço fértil de experimentação e de descobertas para o campo artístico-científico. Dentro da linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos e do grupo de pesquisa Artemídia e Videoclipe, há um caminho de investigação que transita, em sua essência, pela comunicação e pelas artes, sem deixar de buscar embasamento em outras áreas do conhecimento. Os artistas-pesquisadores que integram o grupo fazem parte da graduação e da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, agregando assim, uma convergência entre diferentes níveis de estudo acadêmico. Os projetos de investigação discutem os desenvolvimentos tecnológicos da linguagem e das mídias contemporâneas e traduzem, através de criações artísticas, as transformações sociais de nosso tempo.

Dentro desse contexto, o estudo da expressão do *eu* e da *solitude feminina* como ferramentas de criação, traz uma conexão com esse processo de transformação atual e culmina com uma reflexão sobre como o relato pessoal reverbera no imaginário coletivo.

O pensamento/sentimento que é descrito neste estudo, através do discurso em primeira pessoa, traz as observações de experimentos realizados com criações que transitam por diversas mídias e utilizam diferentes formas de expressão, com resultados imprevisíveis, que acompanham o conceito de serendipidade, e agregam o elemento do acaso às descobertas científicas geradas durante o processo, seguindo os fundamentos teóricos de Royston Roberts.

A criação da peça de artemídia Postal do Corpo e sua posterior transformação dentro de outra peça representada pelo Hypercube Museum, trouxeram como resultado releituras de um fenômeno de enfrentamento social representado pelos relatos pessoais de mulheres que viajam sozinhas e que almejam a transformação de um imaginário que associa a *solitude feminina* ao medo. Cada releitura traz um novo contato com esse fenômeno e produz mais um espaço de reflexão. Forma e conteúdo convergem através da criação artística.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Guadalupe. **Ontem me mataram**. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/02/internacional/1456911848_192026.html. Acesso em 25/junho/2017.

ARNDT, Karin Leah. **A room of one's own, revisited: an existential-hermeneutic study of female solitude**. 2013. 458 f. Dissertation submitted to the McAnulty College and Graduate School of Liberal Arts Duquesne University, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, Michigan, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CATTANEO, Guilherme Hammel. **Hypercube Museum**. 2018, Instalação digital online. Disponível em: <<https://hypercubemuseum.tumblr.com/>> Acesso em: 8 Nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Technologies of the self**. London: Tavistock Publications, 1988.

LUCCHESI, Anna Carl. **Postal do Corpo**. 2018, videopoema em espaço virtual. Disponível em: <<https://hypercubemuseum.tumblr.com/post/177394568403/postal>>. Acesso em: 28 Nov. 2018.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PIÑEIRO-OTERO, Teresa e MARTÍNEZ-ROLÁN, Xabier. **Los memes en el activismo feminista en la Red**. #ViajoSola como ejemplo de movilización transnacional. Em: Cuadernos.info, (39), 17-37, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/30764182/Los_memes_en_el_activismo_feminista_en_la_Red_ViajoSola_como_ejemplo_de_movilizaci%C3%B3n_transnacional. Acesso em: 20/junho/2017.

ROBERTS, Royston. **Descobertas acidentais em ciências**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação** - a construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TURKLE, S. **Life on the screen**: identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster, 1995.

ZAMBONI, Sílvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editores Associados, 1998.